A UNIVERSIDADE E OS OUTROS NÍVEIS DE ENSINO

Prof. Dr. Antonio Barros de Ulhôa Cintra

GENERALIDADES:

A nota característica das obras mais importantes publicadas recentemente sobre universidades é a participação viva, ativa e passiva das instituições universitárias no acelerado processo evolutivo da civilização contemporânea.

Importa observar desde logo, que a evolução específica da instituição universitária não é calcada sobre a serena observação do mundo exterior e o conseqüente planejamento de readaptação das atividades universitárias para um mundo em transformação. Trata-se, mais do que tudo, de modificações produzidas por forças circunstanciais que vêm se impondo, sendo aceitas e incorporadas na vida universitária e exigindo, de tempos em tempos, um auto retrato da instituição para se tentar examiná-la e muitas vezes avaliá-la, reconceituá-la e talvez replanejá-la.

Dentre numerosos estudos sobre a universidade contemporânea, destacamos alguns que exem-

plificam, de forma vigorosa, as observações feitas acima. Assim, o livro de Clark Kerr (1), antigo presidente da Universidade de Califórnia que incorpora uma série de conferências por ele realizadas na Universidade de Harvard, tem por título "The Uses of the University" e por núcleo de conteúdo a transformação profunda da Universidade americana, que melhor seria descrita se fosse chamada de "Multi-universidade".

Os trabalhos universitários de interesse público, governamentais ou privados, são componentes importantes , se atenta para as peculiaridades da evolução das instituições de ensino na história norte americana.

James Perkins, antigo presidente da Universidade de Cornell, de seu lado escreveu um livro intitulado "University in Transition"(2), que engloba a série de conferências que pronunciou, a convite, na Universidade de Princeton . O título dessa obra já é, por si, argumento esclarecedor da proposição que procuramos enfatizar. Um dos núcleos mais importantes das transformações a que nos referimos, analisados por Perkins, diz respeito à incorporação das próprias atividades universitárias em grandes organismos supra universitários, que podem dispor de recursos e equipamento para a realização do

que americanos chamam de "big science", e que uma Universidade apenas nunca poderia sonhar em realizar. Exemplos desse tipo de pesquisa científico-tecnológica são as dos grandes laboratórios de energia nuclear e as dedicadas às atividades aero-espaciais.

De outro lado, o livro de V. Kourganoff (3) escrito na França, tem por título "La face Cachée de l'Universitée" e denuncia, dentro de um profundo estudo critico da Universidade moderna, (embora se tenha sempre presente que sua atenção é dedicada especialmente à Universidade francesa), a hipertrofia da atividade de pesquisa e a atrofia das atividades educativas que são descritas como imediata e inevitavelmentere lacionadas, e conseqüentes à tolerância injustificada a pressões do mundo contemporâneo.

Robert Wolf (4), e o seu trabalho denominado "The Ideal of University", constitue um quarto exemplo que desejamos apresentar. O ilustre Prof. de Filosofia da Columbia University de New York focaliza, nos dias de hoje, como quem enfatiza que não é óbvia a resposta, questões como: Que é, para que serve e como deve ser a Instituição Universitária.

Na própria imprensa leiga, como por exemplo no "Figaro" de Paris ou no "Zürcher Zeitung "

de Zurich, é muito frequente o encontro de noticiário bem como de artigos referentes às questões educacionais e instituições de ensino de todos os níveis. Destaca-se, mais que qualquer outra, a palavra "reforma" como expressão de insatisfação e de trabalho contínuo de órgãos responsáveis, sobretudo dependente de correspondentes ministérios de educação, ou de cultura, ou de universidades, etc... Há, pois, um problema universal e não apenas um problema nosso, embora existam peculiaridades brasileiras neste, como em outros grandes problemas atuais. Importa muito, entretanto, consignar-se que não deixamos ou não deixaremos de perceber no Brasil o impacto de forças que vêm alterando instituições de ensino e pesquisa, aqui e além do Atlântico, pelo menos no mundo Ocidental.

Não é, entretanto, a atitude comtemplativa, nem a mera descrição dos acontecimentos e muito menos a linguagem exageradamente assustadora e amedrontada de hoje que seria conveniente para se analisarem os problemas descritos do "acelerado processo evolutivo da civilização contemporânea" ou de um "mundo em transformação" como dissemos atrás.

(Não é nosso desejo que suceda, desta discussão, a ocorrência freqüente de que conceitos

e considerações possam ser colocados dentro de campos doutrinários mais amplos, de forma absolutamente indevida, ou enquadrados em teórias pré-concebidas. Em ideologia política, por exemplo, uma simples manifestação é imediatamenteselada com um"a favor" ou "contra", pelos apaixonados "teóricos"....).

Transformação e evolução social são rápidas hoje por motivos claros, uns, obscuros, outros. Ao observador de mentalidade científica, desapaixonada e despida de pré-concepções, cumpre a difícil tarefa de procurar interpretações e resistir à pressão da imensa massa de improvisados doutrinadores nos campos os mais variados.

Mas a afirmação mais importante das considerações anteriores é de que, em tempo algum, foi tão criticamente necessária a educação, com adequação para a grande massa populacional de todo o mundo, do que nos dias que correm.

Marguerite Yourcenar referia-se há pouco, em seu discurso de posse na Academia Francesade Letras, a que "tradição ainda tem vida"..... A ruptura com o passado próximo pode ter quebrado algo que deveria quebrar, mas pode ter também rompido âncoras que sustentavam o equilíbrio social.

A medicina vê também os indivíduos e reconhece problemas sobre os quais não se pode calar quando se discutem problemas sociais. Referímo-nos à ponderável porcentagem de indivíduos que não oferece garantia de capacidade psíquica e de adaptabilidade social. Mais numerosos talvez, serão aqueles que não dispõem de capacidade para os anseios que acalentam dentro de um mundo competitivo de habilitação através do poder intelectual.

Maiores talvez que os próprios problemas de política internacional, serão os problemas humanos, que se diluíam e desapareciam no contexto social, mas que, nas populações densas e comunicantes de hoje, concentradas em megalópoles, compõem o desafio maior à consideração dos educadores e, por seu intermédio, aos governos correspondentes.

Acresce, ainda, que no tumultuar dos problemas contemporâneos, em tantos níveis de análise, predominam as paixões e conjecturas interpretativas sobre a racionalidade serena e lógica que poderiam criar bases sólidas de reconstrução.

Uma observação de importância fundamental, sobretudo para a discussão do núcleo central do presente trabalho, é a de que o enorme desenvol

vimento científico e tecnológico, e a aplicação prática conseqüente a essa enorme massa de conhecimentos e de possibilidades, não trouxe apenas o imenso progresso material do mundo contemporâneo, como comunicação, transporte, etc. que afetaram profundamente a vida das populações , mas acarretaram também a formação de nova categoria de habilitações e imensa desigualdade de capacidade pessoal. Mas ainda, criaram-se desigualdades marcantes entre aqueles que sabem e criam e aqueles que apenas acreditam e recebem. A divulgação de ciência ao mundo leigo, de forma a difundir-se uma consciência ainda que vaga do conhecimento verdadeiro e de sua lógica, e a prevenção de crendice e de fantasia não se constituem em tarefa fácil. De qualquer forma, vivemos ainda diante de uma avassaladora onda de possibilidade de ação para o desenvolvimento e o progresso e de um grande desafio para organizar e disciplinar a ação construtiva. Simultaneamente, crises como a energética, desajustes como o econômico, o financeiro, o social e o cultural e o próprio político dificultam e atrasam os planejamentos e respectivas execuções.

A nosso ver, um dos mais sério problemas do mundo atual reside na adaptação administrativa das instituições públicas e mesmo privadas no

mundo do saber; não apenas os poderes executi - vos, mas sobretudo os legislativos de todo o mundo transparecem como incapazes de organiza - rem suas decisões, sem um forte acessoramento técnico. Pior ainda é o desprezo ocasional pela tecnocracia, decorrente da incompreensão de que o saber tecnológico deve ser obrigatoriamente incorporado à análise dos problemas de um mundo onde se sabe imensamente mais do que no tempo em que a atual estrutura política administrativa do estado foi estabelecida. A estrutura e a ação dos órgãos da Justiça, o Poder mais importante para a sociedade contemporânea, não parecem corresponder ainda ao que dela se espera, para segurança dos indivíduos e da "sociedade de muita gente".

Desastroso seria colocar-se uma anti-tecnocracia contra a tecnocracia, uma anti-ciência contra a ciência ou anti-cultura contra a cultura. Forçoso é reconhecer-se, atualizar-se e utilizar sem medo ou receios e sem pretensões o que se sabe, e procurar informar-se mais e melhor, para se conduzirem a soluções de nossos problemas.

1. PAPEL E PROBLEMAS DA UNIVERSIDADE

A tecnologia não era do agrado da mentali

dade dominante nas velhas universidades européias em que o prestígio da palavra espiritual, oriunda de atitude contemplativa e religiosa, impunha-a de forma indiscutível. Mas a ciência acabou achando abrigo no seio da universidade moderna, e os seus frutos tecnológicos, ao lado do seu reconhecimento como suporte do conhecimento cientifico às técnicas de trabalho em numerosas atividades profissionais, consolidaram a dedicação às ciências dentro da vida universitária. Daí, formaram-se nos Estados Unidos, multi-universidades, a expandir-se sua ação no ensino, na pesquisa científica e desenvolvimento cultural, e na prestação de serviços à coletividade a que servem. Depois nada mais houve senão a expansão promovida por forças naturais de solicitação para o atendimento de interesses amplos, inclusive necessidades prioritárias e indiscutíveis em tempo de guerra. Na Europa, caminhos diversos conduziram, aos poucos a universidade a organizações antes semelhantes que dispares, na essência de sua vida.

No Brasil as linhas atrás não refletiriam a evolução das universidades em nossa sociedade. Elas se formaram já de acordo com o modelo das universidades modernas, mas não foram por assim dizer, incorporadas à vida social de forma com-

parável. Foram pouco solicitadas e, confessemo-lo, pouco oferecidas ou não aceitas no concerto de atividades governamentais e privadas. Voltaremos ao tópico.

ALGUNS PROBLEMAS UNIVERSITÁRIOS

a- Cultura: A despeito de como se queira definir cultura, ou quão abrangente possa ser essa definição, como fato constatamos ter havido no Brasil, certa concentração de atenções em campos de conhecimentos ligados ao que se chama humanidade, e às suas origens greco latinas. Intelectuais tem sido designados homens dedicados à "cultura geral" e às artes. Não haveria importância maior nessa atitude, se ela não implicasse em aparente afastamento do mundo cienfífico, da vida intelectual e cultural. Chamou-nos a atenção uma frase, dita em conversa, por Robert Oppenheimer, (além de físico, filósofo, estudioso de história e especialista em Sânscrito) : " Ciência é o maior patrimônio cultural do mundo contemporâneo". Talvez os homens de cultura geral não se tenham dado conta de que o conhecimento cientifico, com toda sua força de racionalidade lógica, crítica, disposta a verificação, constatação e reformulação exerceu enorme impacto no mundo conjectural e fluído do conhecimen-

to clássico, além da enorme massa de conhecimento novos, que pode ter implicação direta no conhecimento humanístico.

O reverso não parece menos verdadeiro;por exemplo, a especialização na pesquisa cientifica, pode levar ao exagero de alguém perder a consciência de que qualquer dado novo conquistado deva ser colocado no contexto de corpos doutrinários para progredir ou modificar conceitos científico que o espírito deve continuamente elaborar. E a atividade intelectual do mundo de cultura clássica abastece e robustece o homem de ciência, nessa atividade humana algo desumanizada e que se chama "pensar".

Nossa Universidade precisa de ambos para si própria e seu desenvolvimento harmônico, e para servir de retaguarda cultural, intelectual, científica e técnica às necessidades da sociedade a que serve.

b- Formação Profissional: Se a técnica só foi aceita e incorporada tardiamente na Universidade européia, ciosa da pureza do trabalho espiritual, ela foi, de certa forma, o embrião de instituições americanas que evoluíram para a " multi-universidade" moderna. Escolas profissionais foram criadas, incluídas ou fundidas (como

no caso brasileiro) em instituições universitárias e são hoje, indiscutivelmente, elementos constituintes da vida universitária. Nem poderia ser de outra forma, pois em geral, as atividades profissionais se alicerçam em ciência e progridem e se aperfeiçoam espetacularmente no mundo moderno em função direta do progresso científico e tecnológico. Por sua vez, profissionais universitários tornaram-se também cientistas, tecnologistas e pesquisadores.

Mas, há problemas novos e importantes que vêm surgindo no campo do ensino superior, no da profissionalização em geral e no dos interesses da coletividade e também, de cada jovem, em particular, na tomada de decisões sobre o destino do trabalho que deve escolher para si.

Este é talvez o tópico mais importante do presente trabalho por que tem muito a ver com a essência do que se poderá concluir sobre a programação de atividades universitárias de um lado, e de outros níveis de educação de outro.

Alguns tópicos fundamentais a respeito:

Um jovem que se forma aos 25 anos de idade terá, até a aposentadoria aos 70, 45 anos presumíveis de atividade profissional.

Em consequência, face ao continuado progresso da ciência, da tecnologia, do conhecimento e da organização do trabalho, cada indivíduo terá de ser reatualizado, modificado, treinado e readaptado tanto pela prática da vida como pelo "estudo continuado".

Muitos ramos profissionais, por sua vez, podem ser transformados, fundidos com outros, desaparecerem memso, para serem criados novos.

Sucede ainda, que todos os ramos do estudo universitário convergem para a conquista de um título e de um diploma. Compreende-se que exista, como de fato existe, forte reivindicação para se obter legislação especial para a regulamentação da profissão correspondente a cada um desses títulos. A pretensão é em geral de se criarem direitos especiais para cada um deles, na obtenção de cargos e funções específicas, públicos ou privados.

Finalmente, pretende-se programar estudos e cursos pensando-se em adequação dos quadros ao chamado mercado de trabalho.

Entretanto:

1. A grande arte de bem planejar é saber avaliar as suas próprias limitações. Quais são os dados concretos, as conjecturas, as perigo -

sas extrapolações e, sobretudo a insuficiência de dados e o advento de fatos novos insuspeitados e tantas vezes surpreendentes? Sobretudo a longo prazo!

Cremos bem, em nosso caso, na falácia da avaliação do mercado de trabalho quando se escolhem profissões para 45 anos de exercício..... na rápida transformação do mundo de hoje.

2. Cremos que a regulamentação de umas tantas profissões pode garantir a situação dos titulares, mas pode também canalizar de forma forçada, a atividade deles próprios, limitando acesso de gente competente em atividades muito afins, de um lado, e dificultando a expansão daqueles próprios titulares para campos outros.

Justamente a característica transformação científica e tecnológica que vem alterando a vida profissional, opõe-se frontalmente à política de "estreitamento" das atividades humanas.

3. A tentativa de estruturação de atividades universitárias vem criando uma burocratização crescente e dificultosa, que gera obstáculo penosos à auto-análise da universidade, sobre seu próprio desempenho e sua reprogramação periódica.

C. As Disciplinas: Kourganoff (3) em seu livro "La Face Cachée de l'Université" faz interessante observação sobre aspectos gerais do conhecimento, nas diversas disciplinas, de importância relevante para nossa análise. Destaca ele o fato de que se poderiam classificar as disciplinas em "verticais" e "horizontais". As primeiras, exemplificadas pelas ciências exatas, como matemática, física, química, biologia geral etc., são descritas como pirâmides construídas sobre bases que se alteiam extratificadas, e cujo ensino precisa ser sistemático, progressivo e solidificado em cada uma das camadas, sob pena de não se poder avançar no seu conhecimento. As segundas, ou "horizontais" seriam disciplinas constantes de massa de conhecimentos sem as características anteriores, e que se podem estudar e sobre as quais pode-se ampliar conhecimentos, em diversas circunstâncias. Muitas das chamadas ciências humanas poderiam ser incluídas nessa categoria.

As conseqüências dessa classificação seriam de que o conhecimento de ciências exatas exige uma programação coordenada, desde os cursos básicos até o curso superior, programação a ser desenvolvida até etapas que se vão estabelecendo nos diversos ramos do ensino universitário ,

tendo-se em vista, sobretudo, que tais conhecimentos são instrumentos fundamentais para o estudo presente e a sua expansão futura. Cremos, mesmo, que o trabalho de consolidação de conhecimentos nessas áreas, requer exercício e impregnação de espírito, de tal forma que a própria adequação da idade ao nível do desenvolvimento dos programas, é fator importante de sucesso. Além disso é em escola e apenas em escola que se podem adquirir tais conhecimentos.

Acrescente-se que as línguas, em geral, apresentam requisitos semelhantes para o seu verdadeiro aprendizado.

Já com relação a ciências humanas e sociais, aprende-se com a vida, leituras, divulgação de todas as formas e, portanto, mesmo extra-muros universitários. É o chamado "aprendizado indireto de raízes invisíveis", embora seja preciso, naturalmente, estudos organizados, à luz de todo o manancial de cultura humanística universitária.

Mas, enquanto ao cultor de ciências humanas é difícil penetrar em ciências exatas sem galgar a progressão vertical da pirâmide de Kourganoff, aos cultores de ciências exatas não é vedado o acesso a muitos dos ramos humanísticos da cultura geral. Em verdade não são poucos

os matemáticos, físicos etc. que, no decurso da vida se tornaram também filósofos ou cultores de outros e variados ramos do saber.

Talvez mesmo sinta a mente humana uma necessidade intrínseca de se libertar parcialmente do rigor crítico da vigilância imediata para se expandir e dar asas a imaginação criadora, penetrando nos espaços sem limites do mundo conjectural. A inspiração, ou o que quer isto seja, deve ter participado da teorização de cientistas criadores da ciência pura. O próprio Oppenheiner a comparava à legítima criação artística.

Mais ainda, se atentarmos bem aos programas de disciplinas humanísticas, podemos ver que com elas ocorre, em maior extensão, um certo artifício na delimitação das respectivas fronteiras. Pode-se dizer mesmo que a ordenação imposta pelos critérios do interesse didático tem criado o status de disciplinas autônomas a pedaços de conhecimento que pelo seu caráter poderiam ter classificação diversa. Nas ciências biológicas também poderiam ser encontrados exemplos variados dessa observação e a recente eclosão de estudos chamados inter-disciplinares configura bem o problema.

A conclusão que pretendemos tirar da linha de consideração que vimos fazendo é a de que merece estudo especial a questão da abrangência de cada curso profissionalizante, e a automática limitação dos cursos de graduação aos estudantes correspondentes.

Se colocamos juntas as questões de impossibilidade de prever, para o mundo em que viverão atuais estudantes, qual será a situação da respectiva profissão, e mais, a interpenetração de disciplinas, e ainda a consciência de que o curso universitário é introdução e o aprendizado de como estudar no obrigatório estudo continuado por toda a vida, e apelarmos também para o espírito de liberalidade no cambiante mundo de hoje, pensamos que seria desejável haver facilidade para readaptação a profissões afins, e que as universidades brasileiras reexaminem, e tornem a reexaminar periodicamente o seu papel e as possíveis atualizações de seus programas de forma a criar oportunidades e aberturas muito mais amplas que as hoje concedidas e já cristalizadas em passado talvez obsoleto.

Interessante, neste sentido, é o debate na França sobre a idéia de se permitirem cursos escolhidos com liberdade e se fornecerem diplomas correspondentes aos estudos realizados, com

um atestado de cultura que poderia servir de certificado de competência a ser apreciado no currículo de quem postula acessos a cargos e posições.

Ao invés de rigidez de esquemas profissionais, propomos estudo para a abertura de horizontes amplos de readaptação a oportunidades de vida mediante cursos complementares ou supletivos ou, mesmo, "cursos livres".

d- Ensino e Pesquisa: Houssay falava em ensinar o que se sabe e investigar o que não se sabe como a essência da vida universitária. Dir-se-ia que ambas as atividades são complementares e indiscutível a dupla responsabilidade dos docente na sua execução. Entretanto, em tempos recentes, discute-se, cá e acolá, a validade e o acerto de tal disposição.

Conhecem-se as crises surgidas em universidades várias, sobretudo a famosa contestação na Universidade da Califórnia, de estudantes que protestavam contra a ausência, em salas de aula, de professores famosos com o tempo totalmente ocupado nas tarefas de investigação. Daí, até à citação de incompatibilidade entre as duas funções toda a gama de problemas tem sido colocados. Kourganoff faz do assunto um dos problemas universitários mais importantes e que o levaram

a escrever "Face Cachée de l'Université". Nessa obra propõe mesmo a separação das atividades, acreditando que o pesquisador não é em regra o professor ideal e que o avanço de conhecimento e a massa de estudantes exige para o ensino um didata verdadeiro, o que tem sido, por assim dizer, desdenhado na vida universitária. Além da capacidade de organizar e realizar o ensino, competiria a esse professor uma tarefa de importância relevante, qual seja a de realizar a síntese necessária para a atualização consciente do progesso científico. Essa tarefa, acredita o autor, não é tão bem realizada pelos investigadores de vanguarda que progridem na pesquisa em área cada vez mais especializada e estanque em relação aos problemas fundamentais de cada disciplina.

Toda pesquisa universitária, por sua vez, teria passado a ser comprometida no misto da ciência e tecnologia programada para fins específicos e compondo uma instituição enraizada apenas em parte na Universidade, e esgalhada na vida social pública e privada. Culminando na multi-universidade e mais ainda, aliada em consórcio com instituições outras para a realização da "big science" a tarefa formadora da Universidade pareceria empobrecida, desprestigiada e mesmo relegada a plano inferior.

Nosso problema, o problema brasileiro, é saber se esse caminho é uma trilha que se impõe pelo desenvolvimento tal como ocorreu em universidade de países desenvolvidos, ou se outros rumos podem ser tomadas para se preservarem os valores universitários além de se expandirem outras atividades úteis, ao mesmo tempo.

Tudo isso tem muito a ver com o delineamento das metas educativas do ensino superior, como programa humano em geral e nacional, em particular, e por conseqüência, das proposições que podem ser feitas aos outros graus de ensino.

Não concordaríamos com Kourganoff especificamente, nem com outros que propõem um desligamento mais radical de pesquisa científica, localizando-a em instituições especiais, ainda que eventualmente entrosada nas Universidades, nem como princípio geral de conduta, nem, e muito menos, no caso brasileiro. Em primeiro lugar, porque no geral, a tendência seria de se enquadrar a ciência em programas relativamente interesseiros e imediatistas, dentro das rubricas de "Planejamento" altamente pretensioso. Em seguida, porque se corre o risco de se deixar de alimentar a ciência criadora e original com o estímulo mais vivamente intelectual e desinteressado da fermentação universitária.

De outro lado, o problema brasileiro, é ainda o de se defender e intensificar a pesquisa científica, muito além daquele que já existe em umas tantas de nossas universidades.

A razão essencial do interesse da pesquisa na vida universitária ultrapassa os benefícios decorrentes da aquisição de novos conhecimentos. Ela é a atividade mais educativa que se processa na vida da instituição. Referimo-nos à verdadeira pesquisa científica em que se propõe hipótese, programam-se e realizam-se indagações com metodologia aperfeiçoada, discutem-se resultados e concluem-se com dados concretos. Isto é, procura-se verdade, fogem-se de preconceitos, e aceitam-se resultados. Tanto a racionalidade envolvida obrigatoriamente no processo, quanto a consciência da distância existente entre o que se prova, e o que se conjectura, entre o verdadeiro e o verossímil, formam a inteligência e, também, e sobretudo, o caráter. Além disso, o contacto com a ciência, mesmo indireto, confere a necessária compreensão das bases tecnológicas de numerosas atividades profissionais e, o senso da realidade que os sustenta.

(Que o sentido filosófico Popperiano da relatividade de verdade científica não seja in-

vocado para se abalarem as ciências exatas e equiparã-las ao primitivismo de assuntos de conhecimento ainda insipiente).

e- Prestação de Serviços à Comunidade: Antes de mais nada, é preciso que se diga algo que, dito, parece óbvio, mas que não parece ter sido devidamente compreendido quando se discutem problemas universitários. Referíamo-nos a que a Universidade não está apenas atendendo a anseios de cidadãos que desejam estudar, profissionalizar-se ou divertir-se com a ciência particular ou a cultura, em geral, almejando um diploma para progredir em sua vida pessoal. A Universidade está, acima de tudo, formando gente capaz de atender a imperiosas necessidades da vida da comunidade, tanto individual como coletivamente, e tanto física como espiritual e, também economicamente. A formação de "quadros" como dizem os francezes, é uma exigência da sociedade na vida moderna e a ela atende a Universidade em uma das modalidades de sua prestação de serviços.

As Universidades brasileiras são, a nosso ver, muito melhores do que parecem crer os que as conhecem à distância e as que não as compreendem, embora cada uma delas tenha muitos problemas internos e mesmo desentendimentos e, sobre-

tudo, carências. Elas tem sido sub-utilizados em seu potencial de prestação de serviços, tanto espiritual como materialmente. Não tem sido convocadas, nem mesmo estimulados ou sequer sondadas como deveriam ser. Têm elas, por sua vez, pecado em não se articularem internamente, e não se coordenarem em missões de interesse público. As próprias áreas de excelência que sabemos existir ficam como que desconhecidas dentro dos próprios muros de cada instituição.

A responsabilidade da Universidade, para prestação de serviços à comunidade deve alertá-la para iniciativas nesse sentido, de modo muito particular, no Brasil de hoje. O papel da Universidade precisa ser reconhecido para ser aproveitado pela sociedade e pelo Poder Público e político.

O primeiro problema da Universidade é o de educar a coletividade, compreendendo que políticos e governos, salvo exceções pessoais, não só não compreendem o papel da ciência e da pesquisa científica por exemplo, como não estão preparados para compreendê-los. A aceitação verbal de importância de cultura e em especial de ciência e tecnologia, na sociedade comum e leiga em geral e no mundo político em particular não tem senão a superficialidade de aparente a-

cordo no assunto. Quando muito a idéia da eventual descoberta ou invenção que dê frutos materiais imediatos e espetaculares desperta alguma comoção sincera.

Parece-nos entretanto, que os próprios universitários não se têm apercebido devidamente de fato e se dirigem a governos como se governos pudessem tudo saber.

Na verdade, a enorme massa de saber cienfífico e também humanístico e tecnológico, separa e desiguala de tal forma o "saber" do "não saber" que o dever de divulgar ciência ao mundo leigo constitue importante preocupação em países desenvolvidos. Um interessante exemplo deste fato está no debate travado há já anos atrás entre Robert Oppenheiner e Jules Straton, que discutiam a possibilidade de se realizar tal tarefa, evitando-se uma verdadeira torre de Babel, na direção da qual se caminha no mundo de hoje.

Quem sabe se vinculado ao hiato entre o "saber" e o "não saber" não está a aparente crise em muitos países do mundo, mesmo desenvolvidos, não só no Poder Executivo, mas e sobretudo, no Poder Legislativo, das atuais estruturas político-administrativas. Diante da multiplicidade e complexidade dos problemas contemporâneos e

do desenvolvimento da tecnologia das soluções vêm os poderes legislativos se socorrendo de assessoramento externo mediante consultas a indivíduos ou órgãos especializados, esporádica ou freqüentemente, para poderem formular proposição de interesse público. Consta-nos a existência, na Suécia de uma espécie de sociedade que é integrada por homens de ciência e por parlamentares para se discutirem problemas básicos do país.

No Brasil de hoje é evidente, mais do que nunca, a necessidade de as Universidades assumirem o seu papel, integrando-se em primeiro lugar para se conhecerem, mediante alguma forma de convivência interna que permita a todos assenhorearem-se um pouco mais das áreas de conhecimento de outros, e em segundo lugar, para representarem, perante a sociedade, a retaguarda de apoio ao conhecimento das coisas com a seriedade do saber e do julgamento imparcial para que possa, essa mesma sociedade exercer a soberania do seu julgamento e formular suas próprias decisões.

A racionalidade precisa substituir a paixão enganosa e a crendice proporcionada pela propaganda maciça de interesses específicos, e que vem abalando a serenidade e o senso de rea-

lidade da população ainda despreparada intelectual e emocionalmente.

O desenvolvimento integral, biológico, econômico, político e cultural de uma sociedade, como destaca Bunge, (5) exige a harmonia de fatores de propulsão dentre os quais discutimos, em particular, os atributos da Universidade. Necessário, entretanto é salientar o papel particular da pesquisa científica, que confere a autonomia e independência que se pode desejar em relação ao mundo exterior. Assim, por exemplo, problemas brasileiros específicos demandam soluções que somente brasileiros se interessariam em aprofundar.

Acresce que o apoio governamental não pode faltar, não só como princípio de conduta, mas na realidade de sua ação e, mais do que isso, na sua permanência.

O organismo cientifico é um ser vivo que se alimenta, cresce e se reproduz, mas que também pode adoecer e até morrer de inanição e não deixar descendentes. O Brasil tem o organismo em sua puberdade, por assim dizer, e não se pode deixar que define porque planejadores insensatos não têm olhos para ver, e não percebem que pedir retribuição econômica imediata é absurdo. Além disso, é preciso que se repita, em Bunge

(4), Roche (cit.4) e outros, que em países estrangeiros formularam o protesto, que o planejamento centralizado de ciência básica é o meio mais eficiente de acabar com ela!

A pesquisa proporciona o acúmulo de conhecimento e a constituição de "capital do saber", que pode ser utilizado em todos os níveis do processo do desenvolvimento. Edelman (6), da Universidade Rockefeller propôs o uso da expressão acima na esperança de que governantes a entendam...

Se é verdade que através de estudos superiores formam-se os profissionais e outros, que com isso abrem os caminhos da própria vida, também é verdade que a coletividade passa a dispor de gente capaz de atender às imperiosas necessidades dessa mesma coletividade, presentes e futuras.

OUTROS GRAUS DE ENSINO

GENERALIDADES:

O mesmo podemos dizer em relação aos outros graus de ensino. O direito de cada um de escolher os seus caminhos no mundo do trabalho e de prover à sua subsistência e à de seus dependentes coincide com os interesses da própria sociedade para o qual o sistema de vida da civilização moderna, presente e futura, necessitade

gente com aptidões adequadas e diversificadas.

Paralelamente, todo o processo educativo geral está implícito no chamado "sistema de ensino", e ultrapassa de muito, em importância, as determinantes da habilitação técnico profissional.

Entende-se o ensino em geral (e educação) em outros graus, como aquele realizado em nível anterior aos estudos superiores, e englobando desde os cursos de primeiro e segundo grau, até os cursos profissionais de nível médio. Aceitou-se como obviamente necessária a educação universal em primeiro grau e não se recusa a universalidade de segundo grau. Enfatiza-se, entretanto, como rumo educacional importante, no Brasil de hoje, o ensino profissionalizante de nível médio.

PROBLEMAS ESPECÍFICOS

a- Ensino de Primeiro Grau. Alguns Aspectos: Não seria possível, obviamente enumerar sequer os problemas do ensino primário no Brasil. Cada um, além das observações e opiniões de outros, tem as suas próprias impressões pessoais.

Muito se tem falado da desnutrição e se a tem incriminado como causa importante, senão única, da dificuldade de alfabetização, mau aproveitamento escolar e evasão precoce em popula -

ções pobres da periferia e do interior. Cremo - la verdadeira até certo ponto, mas não a única . Impressionou-nos, vivamente, a experiência do Prof. Cândido de Oliveira, em São Paulo, em fins da década dos 60. Partindo da observação(que relembra os estudos de Paulo Freire) de que as crianças da periferia possuem um vocabulário extremamente reduzido, proporcional ao paupérrimo grau de cultura da própria família e do meio em que vivem, nada mais procurou,durante alguns meses, que fazê-los conviver e conversar com outras crianças mais desenvolvidas e os próprios professores. "Conversa" foi a porta de abertura para o mundo escolar. Depois de certo período de latência tornou-se rápida e espetacular a capacidade de alfabetização. Neste sentido, a escola pré-primária, certamente, terá um largo papel a desempenhar.

Cremos, porém que a "conversa" poder-se - ia atribuir um papel educativo de muito maior importância se se atentar ao que ela envolve de solicitação, de esforço, de pensamento, busca na memória, e outros processos intelectuais,não só à criança, mas em todos os níveis de ensino.

Em suma a adaptação do ensino às condi - ções do aluno é o desafio para a pedagogia criadora de educadores brasileiros.

O modelo atual de ensino de primeiro grau foi por nós antecipado quando a Secretaria de Educação de São Paulo, que dirigíamos, em fins de década de 1960, elaborou, com o então Diretor Geral do Departamento da Educação, o Prof. José Maria Pires Azanha, o programa de fusão, em seguimento harmonioso, dos então cursos primário e ginasial.

A concepção de formação integral da personalidade não se poderia, senão ingenuamente, limitar ao ensino primário e deve avançar seguramente, pela adolescência, e cremo-lo, mais longe ainda, até os cursos superiores.

A preparação intelectual, a responsabilidade pessoal e social, o amadurecimento psicológico e a integração na comunidade e, enfim o aprimoramento espiritual global são de responsabilidade dos órgãos do sistema educacional, hoje mais do que ontem. Falava-se, antes, em se realizar o processo educativo no lar e na escola. Desde que o mundo penetrou nos lares romperam-se os processos gradativos de adaptação de amadurecimento das fases sucessivas de desenvolvimento do indivíduo, da infância à idade adulta. Quebraram-se, sem dúvida, preconceitos, mas o novo mundo veio rápido demais para se ter garantias de que outras estacas de apoio ao equilí-

brio social não se tornaram necessárias. Certamente aumentaram de muito as responsabilidades da escola.

Tenha-se ainda em mente que o chamado "ensino de massa", em qualquer nível, e forçado pelas circunstâncias, não destrói a verdade de que "educação continua a ser um caso pessoal, um colóquio singular e intermitente: no seio da massa coletiva, estabelece-se um "encontro a dois" entre o aluno isolado e aquele ou aqueles dos seus professores cuja competência reconheceu" - (Azanha....(7).

Educação, em sentido geral, é resultado de tudo, desde as influências internas e constitucionais de cada indivíduo, (que seria ingênuo e até condenável negar), até os múltiplos fatores externos que seria ocioso enumerar. A integração de todos às suas experiências é o que resulta, e a orientação que lhe imprime o professor é a sua tarefa primordial. Por isso mesmo o programa deve ser simples para devolver ao professor e à escola a autêntica responsabilidade da tarefa educativa, de que ficaram até certo ponto dispensadas, quando transformados em meros executores de instruções. Seria uma ilusão a idéia de que uma metodologia prolixamente explicada e uniformemente implantada seria, por si só,

uma efetiva renovação de ensino. Nada dispensa o trabalho criador do professor. (idéias expostas Azanha.....(7).

O serviço de Orientação Pedagógica e criteriosos cursos de reciclagem para professores poderão assisti-los no preparo de suas tarefas.

b- Ensino de Segundo Grau. Alguns Aspectos: Preparar para estudos superiores ou caminhar e enveredar em estudos profissionalizantes de grau médio dão a idéia de abertura de opções variadas e do provocativo desafio de decisões definitivas sobre o próprio futuro.

Grave erro, a nosso ver, colocar um dificílimo e angustiante problema a um jovem que não tem capacidade de resolvê-lo.

Ensino de segundo grau e ainda, obviamente, formativo e exige mais que transformação de "formação" em ilustração. Não se pode esquecer que o dado fundamental do problema é a capacidade do educando, e que o processo de puberdade é biologicamente exigente, sobretudo em região tropical. Aplica-se aqui, em educação , tanto quanto em medicina o preceito de "primum non nocere". Em verdade, a chamada vocação profissional encerra artifícios intoleráveis no estágio atual de desenvolvimento cultural, científico e tecnológico, profissional e social.

Comentamos, a propósito de ensino universitário, a necessidade de abrir as portas à readaptação além do aprimoramento na vida profissional. Em outros níveis de aprendizado de um lado, e de decisão do educando do outro, impõe-se ao nosso ver o mesmo princípio de liberalização de normas para abrir horizontes e não estrangular esperanças.

Com efeito, mesmo no "esquema" profissional vigente, são tantas e variadas as possibilidades de trabalho especializado, totalmente, desconhecidas dos jovens, e mesmo de universitários de outras áreas de atividade, que a adoação profissional final é muito mais uma adaptação entre funções e aptidões do que inclinação imaginária apriorística.

Uma interessantíssima e importante experiência nos foi relatada quando visitavam famosa escola técnica em Coburg na Alemanha. Relataram-nos que a escola criara cursos de conhecimentos gerais, de fins de semana, para operários de vários ramos profissionais. (Um exemplo de curso era o de estudo de orçamentos desde o doméstico, de casa de cada um, passando pela fábrica, do município, do estado e até do país. O esclarecimento do que se deseja e do que se pode, o o senso de responsabilidade na avaliação criteriosa das causas, foi o resulta

do imediato). E os observadores iam mais longe. Afirmaram que o exercício profissional, mesmo rotineiro, melhora em operários esclarecidos, mas, sobretudo, a capacidade de adaptação, a variação de serviço, ou à tipos de máquinas novas, torna-se claramente superior!

c- As Disciplinas. Alguns Comentários: O interesse das observações de Kourganoff sôbre "disciplinas verticais" e "horizontais" tem o seu cabimento, sobretudo no ensino de primeiro grau e segundo grau. Com efeito, é de observação aceita, em geral, que ciências exatas, especialmente matemática, física e química (que são instrumentos de trabalho, importantes no mundo de hoje) são dificilmente aprendidos pela mente de adultos. Por isso, difícil tem sido aos profissionais de hoje voltar atrás, às raízes da tecnologia de que precisam para utilizar seus conhecimentos. Essas disciplinas exigem explicações claras, domínio absoluto de cada capítulo, exercícios repetidos e constantes para se tornarem impregnados no espírito e afluírem no trabalho intelectual de forma imediata e correta. Exigem, também, seqüência organizada e adaptada ao desenvolvimento da inteligência próprio do amadurecimento da idade, através de anos de estudo e até os primeiros anos básicos de cursos superiores.

As disciplinas "horizontais", por sua vez, se por um lado poderão ser ensinadas de forma menos "estratificada", estão a exigir mais do que nunca, orientação adequada do professor, para separar o joio do trigo.

FINALIZANDO:

Entretanto, o aprendizado indireto hoje, no mundo de "muita gente" e de "amplas comunicações", de menos leitura e meditação íntima, confere aos jovens estudantes de todos os níveis o selo da própria cultura geral do ambiente em que gravitam.

Necessário se faz, a nosso ver, que as instituições de ensino abram, livremente, a conversação e o debate em torno dos magnos problemas de longo prazo, da vida cultural, científica, social, ética, etc., tanto nacionais como universais, sem preconceitos sem dogmatismo.

Finalmente, à luz de que se disse não se esperem proposições de articulação de níveis de ensino traduzidos em programação prática.

Cremos que educação é experiência contínua e repugna-nos a imposição de pretensos "Conselhos especializados". Caminhos estreitados dificilmente conduzem à luz do dia. Cremos que liberdade confere responsabilidade e com ela

é mais plausível a expectativa de sucessos.

Não nos é possível, porém deixar de apelar para que as disciplinas "verticais" (pelo seu caráter peculiar sejam continuamente examinadas em sua programação, em conjunto, por docentes de todos os níveis de ensino, inclusive os de Universidades.

Por outro lado, aconselhamentos, em conjunto, de orientação em literatura, na esperança de abrir portas à cultura geral, seriam bem vindas em um mundo perplexo consigo mesmo....

São responsabilidades peculiares e atuais das Universidades e instituições de ensino do país:

Divulgar e fazer reconhecer o valor da cultura, da ciência e da tecnologia e ensinar a usá-las.

Estudar e rever, permanentemente, o trabalho, as profissões e as suas transformações, e novas necessidades no campo de ensino e treinamento.

Ampliar e solidificar conhecimentos fundamentais, inclusive de ciências exatas e cultura geral, além dos limites de estrita delimitação profissional, alimentando em cada um a esperança e a capacidade de acessos e readaptação a novas condições de trabalho.

Ampliar de muito o acesso e o conhecimento de campos gerais ou especializados para culturas de outras áreas. (Por exemplo, avanços e novas tendências no estudo da ciência sociológica interessaria de muito a homens de Direito, de Medicina, de Engenharia, etc..).

Fazer compreender ao mundo político que a crise geral de poderes legislativos tem suas raízes na relativa incompetência de tantos parlamentares em analisar realidades que o assessoramento cultural científico e tecnológico do mundo de hoje poderia fornecer.

E por fim, saber, pensar e discenir, julgar e escolher, para poder contribuir, e também para poder se defender e não se deixar iludir, são direitos fundamentais do nosso homem de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KERR, Clark - "The Uses of the University" . Harvard University press, 1963.

2. PERKINS, James A., "The University in Transition"Princepton University Press, 1966.

3. KOURGANOFF, V. - "La Face Cachée de L' Uni -

versité". Presse Universitaire de France-1972.

4. WOLF, Robert, p. - "The Ideal of the University" Beacon Press - Boston - 1969.

5. BUNGE, Mario. "Ciência e Desenvolvimento" - Tradução Cláudia Regis Junqueira, Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte. Editora da Universidade de São Paulo. S. Paulo,1980.

6. EDELMAN, Gerald, em "The Future of Biomedical Research and Education".Rockefeller University, 1978.

7. AZANHA, José Maria P. - A política de Educação do Estado de São Paulo (Uma notícia)-Abril Cultural, 1969.